

**O ARTIGO DE OPINIÃO NA PRÁTICA ESCOLAR:
SUBJETIVIDADE, ENSINO E RESPONSABILIDADE**

Guilherme Brambila Manso (UFES)
guilhermebrambilamanso@hotmail.com

Luciano Novaes Vidon (UFES)
pfvidon@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o tratamento do gênero discursivo artigo de opinião no contexto escolar. Procuramos investigar as condições e circunstâncias em torno das quais o sujeito professor tem atuado no processo de produção de textos dos alunos, já que o consideramos, com base no princípio bakhtiniano da alteridade, peça fundamental desse processo. Assim, alguns profissionais envolvidos com o ensino de gêneros discursivos – em especial o artigo de opinião – foram pesquisados para que pudessemos compreender, ativa e responsivamente, como se dá o ensino-prática dos gêneros discursivos propostos pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e possíveis justificativas que os mantêm dissemelhantes aos mesmos que encontramos em contexto não escolar. Aplicamos, assim, um questionário a um grupo de professores de língua portuguesa, a fim de dialogar com eles a respeito dessa problemática. Para tal discussão, os pressupostos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo são explorados no ensejo de se pensar a constituição deste sujeito professor através da apreciação do que foi postulado acerca dos gêneros discursivos e da subjetividade.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Bakhtin. Gêneros discursivos. Ensino.

1. A subjetividade e os gêneros do discurso para o Círculo de Bakhtin

O pensamento bakhtiniano em torno da relação entre subjetividade e gêneros do discurso, além de ser objeto de observações constantes de pesquisadores⁴⁵ envolvidos com o estudo do discurso e assuntos afins, tem ganhado cada vez mais destaque na prática escolar, especialmente nas aulas de língua portuguesa. Essa crescente busca pela compreensão do pensamento do filósofo russo e de seu Círculo dá-se pela atualização dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que instituíram, desde 1998, uma perspectiva sociointeracionista de ensino do texto, aproximando-se da noção de gêneros discursivos e do dialogismo defendidos pelo círculo bakhtiniano, e afastando-se, por outro lado, da tradicional perspectiva textual-tipológica.

⁴⁵ Fiad, 2008; Possenti, 2003; Gege, 2009; Barros, 1994; Brait, 1997; Faraco, 2008; Ponzio, 2008; Vidon, 2012a; 2012b; Franco, 2008; Monteiro, 2009 e Moreira, 2009, entre outros.

Antes que adentremos especificamente no que prevê os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, é importante que exploremos a linguagem sob a perspectiva bakhtiniana, o que nos levará, conseqüentemente, às suas concepções em torno da subjetividade e dos gêneros discursivos.

Compreendendo o uso da língua em função do propósito comunicacional, Bakhtin & Voloshínov (2006, p. 93) afirmam que

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

A partir desta perspectiva, percebemos na proposta bakhtiniana a existência de um sujeito que não é refém do meio discursivo em que está inserido, mas que participa ativamente deste respondendo dialogicamente às demandas concretas de enunciação existentes por meio do uso da língua em função da linguagem e da interação.

Este diálogo concreto, defendido pelo filósofo, nos permite reconhecer que este sujeito histórico e social não apenas interage com as situações reais de enunciação por ele mesmo, mas também com outros sujeitos oriundos de, também, uma natureza histórica e social e que realizam, constantemente, a interação verbal enriquecendo-se dos discursos um do outro.

Assim, Bakhtin & Voloshínov (2006, p. 96) reforçam que a interação verbal dos sujeitos, sendo eles o enunciador e o destinatário, com a possibilidade de troca de turnos conforme convir ao propósito comunicativo, “nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”.

Essa perspectiva nos habilita a pensar este sujeito como um ser atuante na sociedade – e em suas diversas esferas discursivas específicas – que ao mesmo tempo em que tem certa autonomia em suas relações dialógicas com os outros sujeitos, sempre é requerido a estar atento às inúmeras relações e contextos sociais em que se insere para, assim, adequar-se e expressar-se de maneira apropriada em função da própria interação verbal e do propósito comunicativo.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Partindo desta interação contínua entre sujeitos em espaços discursivos distintos – como igreja, escola, trabalho, etc. – estabelecendo, assim, maneiras diversas de expressar-se é que nos encontramos com a perspectiva bakhtiniana da enunciação por meio dos gêneros discursivos.

Podemos compreender os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis que abarcam enunciados específicos que atendem às necessidades da comunicação verbal entre os sujeitos sócio e historicamente inseridos em esferas discursivas variadas. É importante salientar que o contexto sócio-histórico de interação, os sujeitos envolvidos no ato comunicativo – enunciador e destinatário (s) –, finalidades discursivas e até o suporte no qual este gênero será expresso – jornais, livro didático, meios de comunicação virtuais, etc. – exercem importante participação nas escolhas discursivas realizadas por este sujeito que produz enunciados nos moldes de um gênero discursivo determinado.

O processo de produção textual no interior dos gêneros discursivos, conforme Bakhtin, acontece de maneira responsiva e dialógica. Apesar das configurações básicas de cada gênero do discurso – como o caráter opinativo do artigo de opinião, por exemplo – é perceptível que cada esfera discursiva e cada sujeito possuirão necessidades discursivas distintas e únicas na produção de seus enunciados, garantindo o caráter primordial dos gêneros discursivos segundo o pensamento bakhtiniano: a estabilidade relativizada.

Bakhtin (1997, p. 106) nos afirma que “(...) o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo” e, nesta percepção, já podemos esperar por um meio de interação humana do qual será estável por conta das adequações sociais que visam à comunicação, porém com a particularidade de sofrer atualizações constantes que seguem as necessidades de seus sujeitos de acordo com cada situação e ambiente discursivos.

Sendo assim, somos convidados através da proposta de Bakhtin e seu Círculo a compreender a atividade comunicativa humana como uma tensão contínua de discursos que se cruzam em busca de propósitos interacionais reais. O sujeito só existe por conta da existência do outro que o reconhece como tal e vice-versa. É pela interação dos sujeitos através dos gêneros discursivos, prevista pela perspectiva bakhtiniana da alteridade, que a linguagem se mantém não estagnada e a comunicação se realiza.

2. A atualização dos Parâmetros Curriculares Nacionais em diálogo à perspectiva bakhtiniana

Após este breve apanhado em torno da concepção bakhtiniana sobre a linguagem e a enunciação pela via dos gêneros discursivos seguintes, então, para a percepção tida por estes nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de acordo com sua atualização.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* tiveram sua atualização no ano 2000 e passaram a instituir o ensino de língua portuguesa como prática comunicacional dialógica pela possibilidade de voz do estudante no contexto escolar e pelo ensino em fazer com que este estudante alcance outras esferas discursivas para além da escolar por meio de posicionamentos mais opinativos e críticos.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (2000, p. 17)

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre as pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e ‘desconstrói’ significados sociais.

O documento faz questão de acentuar uma concepção de comunicação distinta daquela que predominou no Brasil, especialmente nos anos 1970 e 1980, segundo a qual a comunicação é um sistema de informação do qual emissor e receptor são elementos com funções estruturais. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, seguindo-se o pensamento dialógico bakhtiniano, a comunicação é vista como lugar de interação, de intersubjetividades, em que sentidos são construídos, desconstruídos, reconstruídos. A comunicação, nessa perspectiva, é concebida como um processo de construção de sentidos com base nas interações sociais dos sujeitos.

A proposta dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* aproxima-se, assim, nitidamente da perspectiva bakhtiniana por haver utilização dos conceitos do filósofo russo e de outros estudiosos que compartilham dessas noções. Mesmo que não recorrêssemos à bibliografia do documento para comprovar o uso de suas obras na constituição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* é notório que a perspectiva em torno da linguagem está muito mais aproximada de um movimento dialógico, como foi postulado por Bakhtin e seu Círculo. Para os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (2000, p. 6)

Nas práticas sociais, o espaço de produção de sentidos é simultâneo. Nesse, as linguagens se estruturam, normas (códigos) são partilhadas e negocia-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

das. Como diz Bakhtin, a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as trocas linguísticas, relações de força entre interlocutores.

Compreendemos, assim, que a noção de linguagem a ser ensinada nas escolas, prevista nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, pressupõe uma relação dialógica e responsiva de um sujeito, o estudante com outro sujeito, o professor, que se realiza com o uso dos gêneros discursivos e que, ao mesmo tempo, tem como objeto privilegiado os próprios gêneros discursivos. Com base na discussão trazida pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* é possível que se entenda o ato de ensinar e aprender gêneros como tarefa de formação de sujeitos sócio e historicamente politizados e que não deve, portanto, estar atrelada a um paradigma reprodutivista, como tradicionalmente se basearam muitos de nossos professores de língua portuguesa. O conceito de gêneros do discurso é fundamental para entendermos essa mudança de paradigma proposta pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

Sobre esse conceito, os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (2000, p. 21) afirmam que

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive visuais; os textos orais coloquiais e formais se aproximam da escrita; as variantes linguísticas são marcadas pelo gênero, pela profissão, camada social, idade, região.

Apesar da proposta interacionista por parte dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* ao uso dos gêneros discursivos na esfera escolar, percebe-se que estes gêneros são, para a escola, parte de um conteúdo programático que precisa ser seguido para o cumprimento dos objetivos específicos de cada ano escolar, que não deixaram de existir.

Mesmo assim, pode-se notar que os *Parâmetros* firmam um compromisso teoricamente mais interativo com a metodologia de ensino nas aulas de língua portuguesa. Contudo, é preciso que nos atentemos ao fato de que a existência de uma proposta mais dialógica em torno do ensino de língua portuguesa é apenas parte do caminho. Há uma necessidade ainda maior de se averiguar a esfera escolar em sua prática cotidiana para detectar se, após esses quinze anos de implementação, as condições que estão atreladas à esfera escolar – muitas vezes oriundas da não escolar – têm sido propícias para o exercício autenticamente dialógico da linguagem.

3. Os Parâmetros Curriculares Nacionais na prática escolar e a perspectiva do sujeito professor

A partir das considerações anteriores em torno daquilo que foi postulado por Bakhtin e seu círculo e da apropriação feita pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* destes conceitos em prol da criação dos novos parâmetros que visam o ensino-aprendizagem de uma língua por vias sócio interativas, trazemos, para esta etapa da discussão, a perspectiva do sujeito professor no âmbito prático de todo este processo.

Este artigo é mais um dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica⁴⁶, que objetivou observar o gênero discursivo artigo de opinião a partir de análises de artigos de opinião publicados semanalmente em um jornal capixaba de circulação estadual e, posteriormente, com o estudo do tratamento deste mesmo gênero no ambiente escolar através de um livro didático havendo um diálogo contínuo com o não escolar.

Como etapa final desse processo foram realizadas entrevistas, através do envio de questionários por e-mail, em março de 2015, a duas professoras da rede pública da grande Vitória que estão inseridas no contexto do ensino médio para que relatassem suas experiências com o ensino de gêneros discursivos a partir da perspectiva proposta pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Com estas entrevistas realizamos um estudo qualitativo para detectar possíveis rupturas entre aquilo que é idealizado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* e aquilo que é realizado, concretamente, na esfera escolar.

Conseguimos, então, a participação de duas professoras de Língua Portuguesa que aqui serão nomeadas como P1 e P2. Seguem, abaixo, alguns destaques e considerações realizadas em torno de algumas respostas das professoras aos questionários aplicados.

Questionada a respeito da produção de textos mais críticos no Ensino Médio, P1 afirma:

As turmas de segundo e terceiro ano são as que mais desenvolvem textos críticos e argumentativos. Como precisamos preparar esses alunos para enfrentarem provas do ENEM e vestibular, o trabalho com desenvolvimento de criticidade e argumentação é realizado constantemente. Porém, esse trabalho

⁴⁶ Projetos estes intitulados "O gênero artigo de opinião em esfera escolar e não escolar: subjetividade, estilo e autoria" (2012-2013) e "O gênero Artigo de Opinião da esfera escolar para não escolar: O que muda?" (2013-2014/2014-2015).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

deveria ser desenvolvido desde sempre, já que o intuito do educador é preparar o aluno para a vida.

Já inicialmente notamos que o trabalho com o gênero discursivo argumentativo – englobando, assim, o artigo de opinião – enfrenta obstáculos distintos na esfera escolar. O que nos é evidente é que o currículo escolar apresenta prioridades em torno do ensino de gêneros que são divididas no decorrer da vida escolar do estudante. Divisão esta que é diagnosticada pela professora como algo que vai contra o trabalho em torno da subjetividade que é mais acentuado pelos gêneros discursivos argumentativos trabalhados prioritariamente nos anos finais do ensino médio.

É possível notar que parte do bloqueio e dificuldade encontrada no ensino do Artigo de opinião, por exemplo, se deve à falta de preocupação ou tempo com o exercício da criticidade nas séries anteriores. Apesar de compreensíveis os motivos pedagógicos em torno desta divisão, percebe-se que a mesma dá, nos anos finais do ensino regular, um efeito contrário ao exercício da subjetividade crítica, já que esta não foi praticada previamente e passa a ser exigida de maneira massiva pelos vestibulares e pelo ENEM.

A respeito dos vestibulares e ENEM, P2 comenta:

O contexto atual encaminha o aluno a um maior interesse e cobrança para que o professor trabalhe os gêneros mais solicitados no Enem e nos Vestibulares. O discente acaba por se interessar devido à necessidade imediata imposta pelo contexto.

Encontramos, neste trecho, mais um componente situacional e agravante no ensino de gêneros discursivos argumentativos: a corrida pelo ENEM. É claro na resposta de P2 que a necessidade e/ou interesse do estudante por determinados gêneros está intimamente ligada às exigências relacionadas à inserção deste jovem na esfera universitária e, futuramente, no mercado de trabalho. Sendo assim, percebemos que os gêneros do discurso no ambiente escolar passam a ter funcionalidades que ultrapassam as expectativas pedagógicas e curriculares. A boa ou má aquisição e uso de gêneros discursivos configura forte influência no futuro profissional deste estudante.

Neste trecho fica claro que a aparente liberdade estimada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, proporcionada pelo ensino mais crítico e dialógico nas aulas de língua portuguesa é meramente ilusória, assim como elucida Possenti (2002, p. 91)

Não acredito em sujeitos livres nem sujeitos assujeitados. Sujeitos livres decidiriam a seu bel – prazer o que dizer em uma situação de interação. Sujeitos assujeitados seriam apenas pontos pelos quais passariam discursos prévios. Acredito em sujeitos ativos e que sua ação se dá no interior de semissistemas em processo.

Mesmo que seja possível enxergar a necessidade de uma sistematização do ensino fica claro que o ensino-aprendizagem visado pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* com base na perspectiva bakhtiniana ganha características herméticas se o colocamos em contraste com a realidade escolar. Apesar da possível boa intenção em trazer uma proposta de ensino mais sócio interativa não se levou em conta que estes estudantes finalistas do ensino médio convivem com situações de estresse – que também são da esfera não escolar, como a pressão realizada pela família para a aprovação no vestibular – em adequar-se aos quesitos esperados na redação do ENEM ou dos vestibulares, fazendo com que seu exercício crítico seja continuidade de um círculo vicioso que reproduz técnicas textuais, restando pouco tempo para a prática da criticidade.

A didatização dos gêneros do discurso acaba, por vezes, se tornando sistematicamente abstrata (objetivista abstrata, como propõem Bakhtin/Voloshínov) devido às necessidades da aquisição deste, podendo ser considerado até que há certo afastamento da realidade. Contudo, P1, em sua entrevista declara

(...) nós tornamos o texto didático na medida em que trabalhamos com ele em sala de aula. O mais importante em um trabalho de texto é fazer com que o aluno consiga formar sua opinião através de sua leitura, independente do tipo de texto.

Apesar das exigências que a esfera escolar e o sistema nacional de exames para ingresso, seja em cursos técnicos ou superiores, seja em determinados cargos profissionais, têm sobre os professores, em especial os de português, já que a redação é uma das “matérias” mais importantes nesse contexto, a professora P1 demonstra ter consciência de que essa abstração sistêmica precisa ser concretizada, precisa ser colocada no “chão da escola, da sala de aula”. Em sua resposta, ela destaca, e, portanto, valoriza o trabalho em sala de aula e, principalmente, segundo ela, a formação crítica do aluno é “independente do tipo de texto”, como ela mesma diz. Essa ressalva final, do ponto de vista do dialogismo bakhtiniano, revela um sujeito que não se assujeitou ao discurso dominante, do tecnicismo tipológico-textual travestido de gênero discursivo. Não é a categoria teórica, nem o tecnicismo pedagógico, o que mais importa, mas o

sujeito-aluno e sua capacidade de dialogar, responsiva e responsabilmente, com os textos.

Acerca da estruturação dos gêneros na esfera escolar, P1 afirma

Os gêneros são inúmeros, de acordo com a transformação da língua, são criados e utilizados de formas variadas. É importante sim, manter certa estrutura para cada tipo textual, mas, é ainda melhor que o aluno entenda as características de cada um, as particularidades de cada texto, sem necessariamente ter que ficar engessado com normas e regras. Um leitor articulado e que desenvolva o pensamento. Isso sim, é o ideal.

Percebe-se aqui que, independente da atualização dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e sua aplicação no material didático e/ou currículo escolar, a responsabilidade em balancear o conhecimento teórico com o exercício da enunciação crítica está majoritariamente sobre o professor. Não só esta função é atribuída a ele, mas também a de realizar este processo, que não foi previamente amadurecido nas séries anteriores, em um período relativamente curto de tempo para que os estudantes estejam suficientemente instruídos a realizar estes enunciados nas provas.

Notamos aqui que contextos adjacentes ao escolar – como as expectativas sobre o ENEM e as exigências dos vestibulares – exercem forte influência sobre o professor enquanto sujeito que se torna uma ponte dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* com os estudantes em seu caminho rumo aos vestibulares. A subjetividade deste profissional, então, é permeada por estas situações sociais que influem continuamente em seu trabalho.

Em suma, verificamos aqui que seria uma ingenuidade ou idealização considerar que aquilo que é proposto nos novos *Parâmetros Curriculares Nacionais* pode ser seguido de maneira integral na realidade escolar. Percebe-se ainda que a perspectiva dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* parte, sim, de noções pertinentes ao ensino – como a alteridade dialógica bakhtiniana –, mas que ainda é necessário que se leve em conta contextos agravantes a esta prática como a corrida dos vestibulares que já tem se enraizado culturalmente na sociedade brasileira contemporânea.

4. Considerações finais

Este artigo se propôs a refletir sobre a prática pedagógica de ensino do texto na esfera escolar no atual contexto de ensino baseado no con-

ceito de gêneros do discurso e nos princípios dialógicos da linguagem, defendidos, especialmente, pelo Círculo de Bakhtin. Detectou-se, através dos recortes realizados em entrevistas com duas professoras de língua portuguesa, que o processo de transferência dos gêneros discursivos já instituídos socialmente para a sala de aula é uma tarefa muito mais complexa do que se pretende nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

Nota-se que a discussão sobre o ensino-aprendizagem de gêneros do discurso em sala de aula deve partir de horizontes diferentes. Antes que debatamos como ensinar gêneros é necessário que deixemos de enxergá-los como conteúdos de sala de aula. Apesar de ser uma ideia culturalmente enraizada e instituída em documentos legais, percebe-se que o ensino de língua portuguesa como língua materna terá mais chances de se tornar mais dialógico e enunciativo quando houver uma quebra definitiva de paradigmas sobre os gêneros do discurso dos quais estes deixem de ser vistos como o objetivo de aula e passem a ser o meio de interação de sujeitos na busca de metas diversas para a constituição de sujeitos mais críticos e politizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, D. L. P. *Dialogismo, Polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Ensaios de Cultura, 7, 1994.

BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: UNICAMP, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio*. Brasília, 2000. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 16-08-2015.

FARACO, Carlos Alberto. *Oficina de texto*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FIAD, R. S.; VIDON, L. N. *Em(n)torno de Bakhtin: questões e análises*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

FRANCO, K. R. *O editorial na situação de redação de vestibular*. 2008. Dissertação (de Mestrado). – UFES, Vitória.

GEGe. *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João, 2009.

MONTEIRO, I. M. C. *Indícios de autoria em narrativas do ensino médio*. 2009. Dissertação (de Mestrado). – UFES, Vitória.

MOREIRA, T. A. *A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's*. 2009. Dissertação (de Mestrado). – UFES, Vitória.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar, 2002.